



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Arquitetura, topografia e paisagem na Escola Paulista e na Escola do Porto

Architecture, topography and landscape in São Paulo School and Oporto School

Arquitectura, topografía y paisaje en la Escuela Paulista y la Escuela de Oporto

NEDEL, Miranda Zamberlan (1);

MEDEIROS, Givaldo Luiz (2)

(1) Graduanda, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, IAU- Universidade de São Paulo, USP – São Carlos, SP, Brasil;
email: miranda.nedel@usp.br

(2) Professor Doutor, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, IAU- Universidade de São Paulo, USP – São Carlos, SP, Brasil; e-mail: givaldo@sc.usp.br



Arquitetura, topografia e paisagem na Escola Paulista e na Escola do Porto

Architecture, topography and landscape in São Paulo School and Oporto School

Arquitectura, topografía y paisaje en la Escuela Paulista y la Escuela de Oporto

RESUMO

Por meio de procedimentos metodológicos voltados essencialmente à coleta, análise e síntese de material bibliográfico e iconográfico, mediados pela produção de modelos físicos, a topografia, o sítio e a paisagem permeiam um estudo comparativo da Escola Paulista e da Escola do Porto, centrado na obra de seis arquitetos, expoentes das respectivas escolas, que representam três gerações fundamentais na proposição, consolidação e revisão de suas posturas: Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Marcos Acayaba, em contraponto com Fernando Távora, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura. Mais do que inventariar o tratamento da temática nos arquitetos ou nas escolas, busca-se analisar as formas segundo as quais implantação, topografia e paisagem compõem-se como fundamentos projetuais na produção de determinadas obras.

PALAVRAS-CHAVE: topografia, paisagem, sítio, Escola do Porto, Escola Paulista

ABSTRACT

By means of methodological procedures aimed primarily to collect, analyze, and synthesize bibliographic and iconographic material – which are mediated by the production of physical models –, a comparative analysis of São Paulo School and Oporto School addresses the topography, the site and the landscape, based on the work of six architects, exponents of respective schools. They represent three fundamental generations in the proposition, consolidation, and review of their positions: Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha and Marcos Acayaba as opposed to Fernando Távora, Álvaro Siza and Eduardo Souto de Moura. Rather than inventorying the treatment of the theme in the architects and their schools, the paper analyses the ways in which site planning, topography and landscape show up as the design basis in certain architectural works.

KEY-WORDS: topography, landscape, site, Oporto School, São Paulo School

RESUMEN:

Mediante procedimientos metodológicos dirigidos sobre todo a la recopilación, análisis y síntesis de material bibliográfico e iconográfico – mediada por la producción de modelos físicos –, la topografía, el sitio y el paisaje permeian un análisis comparativo de la Escuela Paulista y la Escuela de Oporto, centrado en la obra de seis arquitectos, exponentes de las escuelas, que representan tres generaciones fundamentales a la proposición, consolidación y revisión de sus posiciones: Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha y Marcos Acayaba en oposición a Fernando Távora, Álvaro Siza y Eduardo Souto de Moura. Más que inventariar el tratamiento del tema en los arquitectos, o en las escuelas, se pretende averiguar las formas en que la ubicación, la topografía y el paisaje se presentan como fundamentos de diseño en determinadas obras arquitectónicas.

PALABRAS-CLAVE: topografía, paisaje, sitio, Escuela de Oporto, Escola Paulista



1 INTRODUÇÃO

A relação com o sítio é um dos fatores determinantes da arquitetura. Os aspectos urbanos, as características topográficas, a inserção no lote, a presença na paisagem, além da interação com outras edificações, fornecem parâmetros para a valoração qualitativa de determinada intervenção, seja por contraste ou similaridade. Enquanto manifestação cultural, o projeto de arquitetura pressupõe uma tomada de posição em face do contexto físico-social, a qual pode intensificar a experiência fenomênica da obra ao afastá-la ou implicá-la com a fruição das condições topográficas, espaciais, urbanas e paisagísticas do lugar.

Sob esse prisma, o trabalho pretende tanto ressaltar a importância da temática na produção de certos arquitetos quanto suprir uma lacuna. Parte-se da constatação de que as pesquisas acadêmicas em arquitetura tendem a priorizar os eixos histórico, utilitário ou técnico, atribuindo papel secundário à prática projetual e ao instrumental específico do campo disciplinar.

Trilhando tese análoga à defendida por Waldemar Cordeiro à época da arte concreta – a de que a arte deve empregar os próprios meios para produzir sua crítica e gerar conhecimento não heteronômico –, a metodologia adotada envolve aproximações sucessivas ao objeto de estudo, que conciliam procedimentos analíticos, amparados por bibliografia referencial, e modos sintéticos de prospecção. Na perspectiva de que a crítica arquitetônica deve valer-se dos instrumentais inerentes ao ofício, os recursos gráficos e a modelagem tridimensional devem ser mobilizados para avaliar, elaborar e expor os argumentos topológicos. Produto final da pesquisa, a maquete física apresenta-se como um elemento operacionalizável, pela dimensão de análise e representação advindos da sua concepção e execução.

Para dar substância à investigação, o trabalho realiza um estudo comparativo da Escola Paulista e da Escola do Porto, centrado na obra de seis arquitetos, expoentes das respectivas escolas, que representam três gerações fundamentais na proposição, consolidação e revisão de suas posturas. Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Marcos Acayaba, em contraponto com Fernando Távora, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, são objeto de uma prospecção em que a implantação, a construção topográfica e a relação com a paisagem sobressaem como determinantes da concepção arquitetônica.

Mais do que inventariar o tratamento da temática em um ou outro arquiteto – ou nas respectivas escolas –, busca-se analisar as formas segundo as quais implantação, topografia e paisagem comparecem como fundamentos projetuais na produção de determinadas obras, destarte tornadas exemplares.

2 Sobre escolas e sítios

A abordagem afeita à noção de escola quer realçar a dimensão cultural da arquitetura em face do pendor para o ecletismo e formalismo que perpassa as tendências em voga, suplantando o peso atribuído atualmente ao papel das individualidades por meio da ênfase nas práticas coletivamente compartilhadas. À revelia da espetacularização arquitetural que embala a disputa entre as cidades globais ou da tendência à dissociação conceitual entre a forma e os elementos tectônicos que há algum tempo frequenta o ensino do ofício, volta-se à posturas nas quais o saber arquitetônico ampara-se em razões técnico-construtivas, coletivamente formuladas, ao largo dos impulsos autorais.

Ciente dos riscos implícitos na adjetivação localista que as escolas em tela carregam, empreende-se uma análise avessa à qualquer circunscrição regionalista, consoante a

advertência de Julio Katinsky (1988). Seguindo sua argumentação, à luz do exemplo radical de posturas que anseiam se tornar universais, a utilização do termo escola alinha-se não só com o intuito de delimitar um campo de estudo, constatável pelo reconhecimento de procedimentos comuns a ambas produções, mas almeja também instruir práticas pedagógicas consequentes.

Na caracterização das escolas, para lá de eventuais localismos e no interior das ações coletivas, sobressai o papel seminal de Fernando Távora para a Escola do Porto e de Vilanova Artigas para a Escola Paulista. Ambos compartilham o ideal moderno da verdade dos materiais – evitando a adoção gratuita das formas da modernidade –, investindo-o sintomaticamente de um acento local, pautado pela busca persistente de uma arquitetura associada à tradição construtiva e à questão nacional.

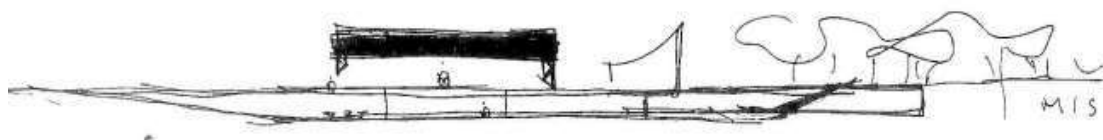
Contextualiza a pesquisa a célebre definição de Lucio Costa, que nos anos 1940 destaca a intenção plástica como princípio diferenciador da arquitetura ante a construção, associando-a a quatro determinantes: época, meio, técnica e programa. Contudo, se no âmbito acadêmico a arquitetura enquanto manifestação temporal, cultural e social encontra par, bem como sua consideração segundo demandas, finalidades, intenções e recursos materiais ou humanos, um dos fatores mais implicados com o exercício projetual tem sido relegado a um segundo plano. Aspecto peculiar à arquitetura moderna brasileira e à tradição construtiva portuguesa, a relação com o sítio é o mote que orienta a presente abordagem.

A ideia de arquitetura como elaboração topográfica adquire particular relevância nas Escolas Paulista e do Porto. Atentar às condições topográficas não é necessariamente deixá-las intactas, mas integrá-las à edificação, em ações que reinventam e tematizam o meio físico local. Desse modo, a topografia deixa de ser uma condicionante externa ao projeto, mera extensão ou base da arquitetura, tornando-se sua parte constitutiva, que o determina e reorienta-o, de suma importância para o estabelecimento de uma causalidade interna à obra e para a interpretação e produção do sítio.

A apropriação topográfica refaz o solo como suporte arquitetural. Enquanto o edifício é imbricado no terreno, este é alçado à condição de edificação; a construção e os espaços livres são postos em equivalência. Ao tomar partido da remodelagem topográfica, a arquitetura potencialmente retém a noção de projeto, no sentido de instaurar uma complexidade de relações com o sítio que fomenta a reconfiguração de seus níveis físicos e simbólicos, manifestando-se, em última instância, como obra inacabada ou aberta – uma construção com significados múltiplos sempre em processamento e nunca esgotados (BUCCI, 2002, p. 4).

3 A elaboração topográfica na Escola Paulista e na Escola do Porto

Figura 1: Croqui - Museu Brasileiro de Esculturas (MuBE)



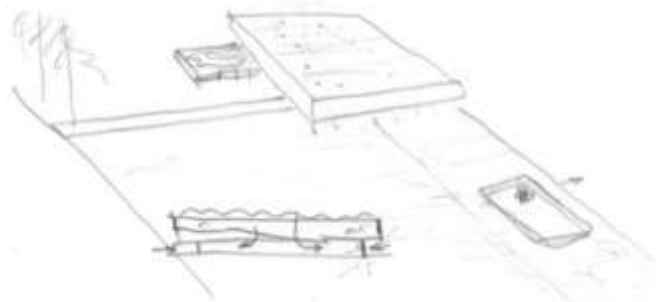
Fonte: PIÑÓN, 2002, p. 112

Nos termos enunciados por Sophia Telles (1990) ao abordar a obra de Paulo Mendes da Rocha sob o parâmetro modelar do Museu Brasileiro da Escultura – MuBE (1986-95; figura 1), a operação topográfica impõe-se como fundamento projetual, que a seu turno condensa

implantação e lote, edificação e terreno. No nível da rua, uma única operação formal se destaca no MuBE, a grande marquise que faz às vezes de simples abrigo, um portal. Elemento estruturador da intervenção, a grande viga de concreto protendido de 12m de largura e vão livre de 60m enquadra a paisagem, elucidando a ação humana que demarca, inscreve a linha do horizonte no sítio, ao mesmo tempo em que proporciona uma referência em meio a tantos e variados níveis topográficos. Solo criado e construção conformam um todo indissociável, que absorve a topografia não apenas como referência, mas enquanto instrumento gerador da própria intervenção. O MuBE “é de fato a construção de uma geografia artificial” (PIÑÓN, 2002, p. 9).

Analogamente, no Pavilhão do Brasil em Osaka (1969-70), o terreno adere ao objeto construído, concreta e simbolicamente, com a introjeção recíproca da arquitetura e do território – uma imagem do Brasil –, enquanto no concurso do Centro Cultural Georges Pompidou (1971), Mendes da Rocha cria um terreno suspenso onde mezaninos se articulam a planos rampados. Os níveis se desdobram estendendo o solo, fomentando uma urbanidade interior contígua à da cidade existente. Essa operação infraestrutural ressurgiu na Capela de São Pedro (1987-89), na Fundação Getúlio Vargas (1995) ou no SESC Tatuapé (1996), em que praia e via suspensas ensejam uma aparição em face da paisagem metropolitana.

Figura 2: Croqui - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)



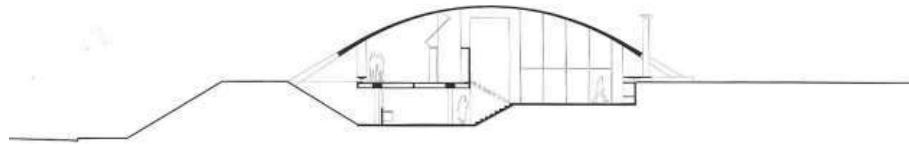
Fonte: ARTIGAS, 1997, p. 102

O argumento de Telles é retomado por Masao Kamita (2000) na análise da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU-USP (1961-68; figura 2), de Vilanova Artigas, redirecionando o viés topológico ao sentido de interioridade e aos ideais políticos do arquiteto. Obra emblemática do partido que se impôs como arquétipo da Escola Paulista, a praça coberta situada na extremidade do Corredor das Humanas desdobra-se; o solo estende-se acima do térreo; a continuidade espacial propiciada pelas rampas favorece a articulação do programa e dos planos intercalados, reunidos sob a cobertura translúcida. As rampas conferem um caráter dinâmico à topografia construída, enquanto percepção espacial, sensação corporal e vivência social.

O procedimento topográfico manifesta-se igualmente na Garagem de Barcos (1961) e na Escola Técnica de Santos (1968) – onde fundação e obra não se distinguem –, assume variados matizes nos projetos residenciais de Artigas, sempre marcados pelo tensionamento do lote. A estruturação do projeto por meio do corte adquire na Rodoviária de Jaú (1973-75) função estrutural, favorecendo o equacionamento das circulações e a articulação urbana.

A Residência Milan (1972-75; figura 3), de Marcos Acayaba, recobre com uma casca de concreto abatida o embasamento formado por taludes e patamares a meio nível, observando a proposta paulista típica dos anos 1960 e 1970 de criar espaços contínuos, íntegros, que aliada a um terreno remodelado estimula ainda mais a diversificação dos percursos, vistas e ambientes.

Figura 3: Corte - Residência Milan

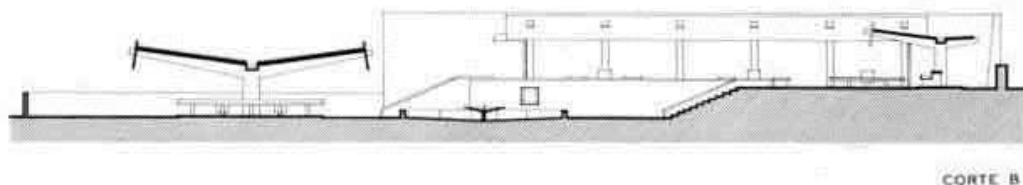


Fonte: ACAYABA, 2007, p. 48

A influência de Artigas também se expressa no concurso para a Biblioteca Pública do Rio de Janeiro (1985), cuja complexidade funcional e de níveis é mediada por rampas, visando um espaço urbano dinâmico, recriado no interior da edificação. Exercitada na Residência Jander Köu (1981-82), a relação com a paisagem consolida-se na fase atual, em projetos sensatos para terrenos muito íngremes, como as Residências Hélio Olga (1987-90), Baeta (1991-94) e Marcos Acayaba (1996-97).

Na Escola do Porto, a elaboração topográfica é nuançada pela noção de lugar. Exemplifica-o o Convento de Santa Marinha da Costa (1972-85), de Fernando Távora, ampliação e reconstrução vinculada às preexistências edificadas e naturais, na qual, mais que uma forma ideal, busca-se uma intervenção circunstanciada, sua adequação ao sítio impregnado de história. Similarmente, tanto no Anfiteatro da Faculdade de Direito (1994-2000) como na Casa dos 24 (1995-2002), o projeto observa a topografia e o entorno edificado, embora no último intencionalmente acentue seus elementos característicos.

Figura 4: Corte longitudinal - Mercado Municipal



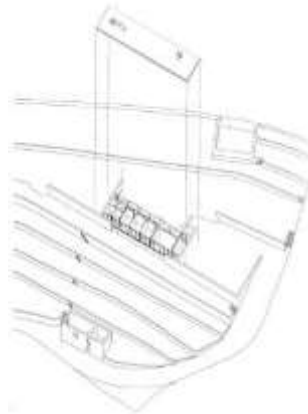
Fonte: TRIGUEIROS, 1993, p.60

No conjunto da obra de Távora, destaca-se o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira (1953-59; figura 4), no qual diferenças de nível multiplicam os pontos de vista e as alternativas de percurso. As lajes de cobertura em contraponto neoplástico criam um equilíbrio dinâmico e imprimem um caráter espacial fluido e contínuo. A topografia inscreve-se sutilmente como base do projeto, definindo acessos e fluxos, conformando estares e trocas.

Eduardo Souto de Moura também ancora as decisões formais nos princípios técnicos e elementos materiais que definem a obra. Na Casa no Bom Jesus (1989-94), o terreno é apropriado para concretizar uma dualidade: a parte mais elevada da topografia é o suporte para a caixa de concreto branco e de vidro, leve e fluida, que se apoia sobre o monolito de pedra. Na Casa na Maia (1990-93), a criação de níveis subterrâneos ensaia a possibilidade de ocupar o sítio e conter a aparição do objeto arquitetônico, aproveitando a declividade natural para acomodar os nichos habitados sob o solo. A ideia se consolida na Casa em Baião (1990-93), onde a terra foi escavada para integrar casa, natureza e antigas ruínas. O solo abre suas entranhas a uma obra que anseia pela pátina temporal.

Explorando os socalcos tão característicos da região do Douro, a Casa em Moledo (1991-98; figura 5) inscreve-se no terreno modificado, associada a arrimos e patamares, logo acima de uma construção antiga. Subterrânea, reduz sua presença na paisagem à linha da cobertura, que, avistada de cima, paira como uma plataforma sobre o rochedo, destacada do solo. A inserção discreta na paisagem envolve uma operação abstrata e artificial. Sensível à declividade, à formação geológica e à paisagem, ambientada no sítio, a obra acentua a percepção de tais condições, vinculando-se aos vestígios de uma paisagem remota.

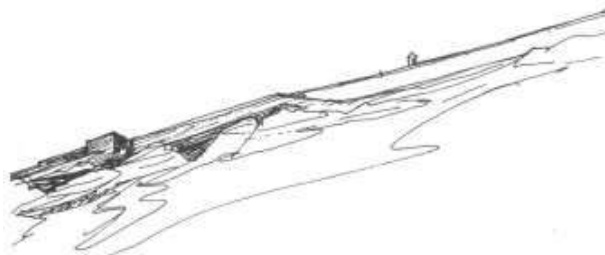
Figura 5: Projeção axonométrica - Casa em Moledo



Fonte: ACCADEMIA DI ARCHITETTURA DELL'UNIVERSITÀ DELLA SVIZZERA ITALIANA, 1999, p. 94.

Em Álvaro Siza, a abordagem fenomênica do espaço adquire maior relevância, como demonstra-o a radicalidade sutil das Piscinas Municipais de Leça da Palmeira (1961-66; figura 6), em que operações discretas desenham um passeio pinturesco rumo ao êxtase sublime do encontro com o mar. Uma intervenção singela mas vigorosa sobre a paisagem, que no entanto não altera a essência quase selvagem do local, com marés serpenteando entre formações rochosas. Uma topografia artificial, adoçada sobre a topografia e a paisagem existentes, que respeita seus limites sem deixar de explorar suas potencialidades. Construídas abaixo do nível da via costeira, as coberturas mantêm a paisagem sem barreiras visuais. Entre escadas, plataformas, espaços de circulação e espaços de repouso, as raras intervenções dedicam-se ao enlace com a paisagem singular.

Figura 6: Croqui - Piscinas Municipais de Leça da Palmeira



Fonte: SIZA, 1998, p. 24

Na Fundação Iberê Camargo (1998-2008), espaços internos e externos intercalam-se, de modo a enquadrar a paisagem e a própria obra. A importância que Siza atribui à percepção da

arquitetura pelo fruidor é de tal ordem que neste projeto o percurso se cristaliza em rampas-galerias, as quais, ao redor do vazio central, realçam ainda mais os desníveis, enquanto projetadas no exterior dosam o descortinamento da paisagem. Subvertendo o princípio da continuidade espacial, partes distintas porém complementares recompõem-se em um todo desconcertante, que artificialmente repõe a complexidade inata do terreno e do entorno.

4 A FAUP de Álvaro Siza

Figura 7: Croqui - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto



Fonte: SANTOS, 1995. p. 186.

Procurando exemplificar com maior profundidade o teor da pesquisa, convém abordar a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – FAUP (1986-95; figura 7), que alia elaboração topográfica e paisagística à condição de duplo modelo referencial. A obra sintetiza formal e espacialmente os princípios da Escola do Porto e de sua concepção de ensino de arquitetura. Em um sítio periférico, caracterizado pela erosão física e pela quase ausência de vida social,

“Siza desestratifica instituições consolidadas, questionando práticas humanas e desmantelando as fronteiras entre a vida e seu meio ambiente. [...] Reestruturando e revitalizando o conhecimento arquitetônico, retraça um esquema institucional sobre um terreno novo e provisório. Esta arquitetura quimérica emerge de uma transcrição radical da forma do pátio, um modelo unicelular que é progressivamente percebido como constituído de vários tipos diferentes de células em vários estados de simbiose [...] nas quais o todo espontaneamente se torna mais do que a soma de suas partes.” (TESTA, 1998, p. 8).

A obra foi projetada em duas fases distintas para dois terrenos contíguos. A primeira abrangeu a reforma da casa existente e a construção de um pavilhão para um centro de investigação. Na segunda, implantou-se a faculdade para quinhentos alunos. Ambas constituíram, por fim, um todo. Localiza-se em um solar aterrado, limitado à leste pela Quinta da Póvoa e pelo Pavilhão Carlos Lemos, à norte por uma via de acesso à cidade, tendo ao sul amplas visuais para o estuário do rio Douro.

O projeto da FAUP desdobra-se em duas séries de edifícios: a ala norte, de configuração linear, abriga oficinas departamentais, auditório, galeria de exposição e biblioteca, e resguarda o pátio da autopista; a ala sul, visualmente permeável, composta por quatro pavilhões independentes de alturas e formas variadas, contêm ateliês e salas de professores no térreo e orienta-se para a paisagem do rio Douro. As duas alas delimitam um plano elevado sobre o estuário, de configuração triangular, compondo um pátio semiaberto que converge para oeste, onde está a entrada principal do conjunto.



A adequação ao sítio é notável, ajustando-se aos socacos do solar e minimizando a movimentação de terra. Aproveitaram-se os patamares e muros de pedra preexistentes na conformação do espaço, resguardando a articulação entre a escola e as antigas instalações da Quinta da Póvoa, por meio de uma conexão com o Pavilhão Carlos Ramos. Os grandes espaços coletivos – auditórios, biblioteca e galerias – acomodam-se no terreno. Toda a área recebeu qualificação paisagística e abriu-se uma nova via ao longo do limite sul do terreno. Escadas e rampas permitem a apropriação do sítio, tanto externa quanto internamente. Uma circulação subterrânea conecta os pavilhões, reestabelecendo a continuidade espacial. O usuário é levado a explorar a topografia, apreendendo-a com a própria experiência do deslocamento corporal através das galerias, das escadas, rampas e passagens subterrâneas.

Os embasamentos, os patamares e a forma de tratamentos das unidades individuais parecem restabelecer o nexos com a própria cidade portuguesa, com a articulação e relações entre casas, edifícios, acessos e outros elementos. A arquitetura ensaia aqui e ali configurações extraídas do universo urbano: largos, ruas e praças. A diferenciação entre os elementos não obedece pura e simplesmente à representação convencional e simbólica de suas funções, antes decorre da pertinência relativa às circunstâncias de implantação.

A sutileza das aberturas retilíneas e assimétricas, o cuidado com as lajes que por vezes se estendem para fora da edificação funcionando como beirais, as reentrâncias nos blocos, as saliências, as sutis inclinações de paredes, o perfil das coberturas – que por vezes assumem a forma de *sheds* – demonstram o virtuosismo discreto do projeto, que cria particularidades e um senso de unidade sem produzir uniformidade.

Ao destacar o projeto da FAUP para empreender uma abordagem sintético-analítica baseada em instrumental próprio da arquitetura – como a maquete física –, inicia-se um processo de interpretação dos seus componentes fundamentais, identificando o que deve ser representado. Transpor a experiência corporal e fenomenológica advinda das possibilidades de circulação e percurso ou a relação entre arquitetura, paisagem e topografia para um modelo reduzido, sem trair ou mimetizar experiência do espaço real, são questões a serem formuladas na continuação da pesquisa. Uma possível resposta é extraída da leitura do próprio edifício. A arquitetura por um lado flerta com o projeto urbano, introjetando a morfologia da cidade, por outro adota as formas arquetípicas da paisagem do Douro.

5 Conclusões

As análises efetuadas sumarizam o trabalho realizado, em que se abordou a recorrência da temática topográfica, associada ao sítio e à paisagem, em inúmeros projetos. Constata-se que a questão não constitui um índice representativo da trajetória de qualquer um dos arquitetos estudados, vinculando-se sobretudo às particularidades de cada sítio – paisagem, entorno, condições geológicas, hidrológicas e topográficas. Apesar disso, nos projetos em que tais índices aparecem enfaticamente, nota-se uma obra que favorece a apreensão do entorno, espacialmente instigante, que amplia e potencializa as possibilidades de percurso, estares e pontos de vista.

Complementarmente, revelam-se as diferenças e afinidades no modo de abordar a temática na Escola Paulista e na Escola do Porto, com o confronto e análise da produção dos arquitetos em tela. De saída, pode-se notar, afora o interesse comum pela modelagem do sítio como forma arquitetural, modos distintos de efetuar-lá. Enquanto a Escola do Porto valoriza os aspectos do sítio e da paisagem enquanto conotação histórica e social, além do aspectos relativos à experiência sensorial do espaço, sua prática mostra-se afeita à dispersão da intervenção sobre o terreno. Indiferente à abordagem fenomênica do espaço, a Escola Paulista em geral opta pela concentração da intervenção e reunião do programa sob uma cobertura única. Na última, verifica-se uma abordagem técnica, em que a topografia constitui uma instância estruturadora



do projeto, com uma atitude menos afetuosa em relação ao sítio e, talvez, mais radical. Nos distintos sentidos de interioridade, afeitos à urbanidade ou à ambiência internas, oscilando da monumentalidade ao intimismo, as matrizes politécnica e belas-artes subjacentes mostram que o tempo ainda não eliminou as suas marcas.

BIBLIOGRAFIA

- BUCCI, A. Pedra e arvoredo. *D'Art*, n. 9-10, nov. 2002, São Paulo: CCSP, p. 4-10. Republicado in: *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 041.01, Vitruvius, out. 2003.
Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.041/644>>. Acesso em: 16 de agosto de 2013.
- COSTA, L. Considerações sobre arte contemporânea [194-]. In: _____. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 245-258.
- KAMITA, J. M. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- KATINSKY, J. R. Arquitetura paulista: uma perigosa montagem ideológica. *AU. Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 17, p. 66-71, abr.-maio 1988.
- PIÑÓN, Helio. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Romano Guerra, 2002.
- MEDEIROS, Givaldo. Modernidade domesticada, modernidade indócil. *V!RUS*, São Carlos, n. 5, jun. 2011.
Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=8&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 16 de agosto de 2013.
- TELLES, Sophia. Museu da Escultura. *AU. Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 32, p. 44-51, out.-nov. 1990.
- TESTA, Peter. *Álvaro Siza*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFERÊNCIAS IMAGENS

- ACAYABA, M. *Marcos Acayaba*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 48.
- ACCADEMIA DI ARCHITETTURA DELL'UNIVERSITÀ DELLA SVIZZERA ITALIANA. *Eduardo Souto de Moura: Temi di progetti*. Milano: Skira editore, 1999. p. 94.
- ARTIGAS, V. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fundação Vilanova Artigas, 1997. p. 102.
- PIÑÓN, Helio. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Romano Guerra, 2002. p. 112.
- SANTOS, José Paulo dos (Coord.). *Alvaro Siza: obras y proyectos 1954-1992*. 3 ed. Barcelona: Editorial Gustavi Gili, 1995. p. 186.
- SIZA, Álvaro. *Álvaro Siza: Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. 1998.p. 24.
- TRIGUEIROS, Luiz. *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau, 1993. p. 60.